

Dando palavras às *PALAVRAS DADAS* de Maria de Lourdes Pintasilgo

Por Helena Costa Araújo

Queria agradecer este estímulo para apresentar em colaboração, ou em conjunto, este livro de *Palavras Dadas* de Maria de Lourdes Pintasilgo. Vejo-o como uma interessante iniciativa, intelectualmente densa, afectiva e terna. Forma de dialogar com as pessoas que a homenagearam na ocasião do aniversário dos seus 70 anos – escreveram-lhe um livro – e ela responde em livro.

Aqui é necessário saudar a iniciativa da Fundação *Cuidar o Futuro* de organizar e divulgar esta obra pois encontramos muitas linhas que contribuem na via, certamente, da fundação que Maria de Lourdes tanto queria ver desenvolvida.

Depois de o ler pela primeira vez, retomei partes. A introdução e o prefácio ajudaram-me a recentrar a leitura. E o que se foi impregnando como impressão ganhou novo sentido. «Como se faz de um afecto uma tese?». Fiquei a querer ler mais vezes o prefácio depois de ler a obra, nos seus muitos significados. Este é extremamente poético, ajuda-me a entender opções de Maria de Lourdes que não me foram claras, quando o li pela primeira vez.

Gostava de ter tido um tempo mais longo para poder reflectir, apreender melhor, perceber os meandros, pôr a falar os textos entre si e muito mais...

Assim, trago apenas algumas impressões desta leitura.

Diria que fui sobretudo tocada pelos **textos**, muitos – a grande maioria deles, **autobiográficos**, outros ensaísticos, em que Maria de Lourdes estabelece ligações com os estudos feministas, os estudos das/sobre mulheres

O trabalho autobiográfico interessa-me, em particular, como inserido no que se denomina de método biográfico, nos chamados documentos de vida, pois faz falar, a partir de um eu vivido, da experiência pessoal, do que a mobilizou, da sua própria interpretação, da sua visão do mundo – que apresenta àquelas e àqueles que escrevem sobre como viram as suas intervenções, o seu percurso, e que parte «de um conhecimento que não é dado, não está objectivamente 'ali', mas que é produzido por sujeitos situados em relações sociais específicas e em discursos históricos particulares» (in Cosslett et al 2000: 2).

Este registo autobiográfico também só é possível pois se constrói não na base de uma única subjectividade, de uma pessoa falando com os seus botões, mas constituindo uma narração em que se está em diálogo, e se vai construindo uma intersubjectividade como «relação entre a pessoa narradora e a audiência» (Cosslett et al 2000:3). Como diz Maria de Lourdes neste livro: «as conversas que o são, rapidamente aproximam no gosto da escuta mútua» (Pintasilgo, 2005: 215). Aliás, *escuta* é um conceito muito presente em muitas das páginas que escreve. *Dialogar* é outra.

Esta elaboração sobre a memória pode ser um trabalho de conscientização, na esteira de Paulo Freire – autor caro a Maria de Lourdes Pintasilgo que esta cita

– no sentido em que permite rever criticamente as experiências e em que contribui para que outras pessoas possam confrontar-se com perspectivas e visões que as levam a assumir posicionamentos.

São assim textos autobiográficos que oscilam entre um eu que fala na 1.<sup>a</sup> pessoa, e um falar de si na 3.<sup>a</sup> pessoa. Só compreendi essa oscilação quando reli a justificação no prefácio, em que Maria de Lourdes apresenta esta 3.<sup>a</sup> pessoa como lhe permitindo uma maior objectividade «para dizer só o essencial das histórias». Nestes textos está a sua experiência, vivida como primeira ministra, a sua candidatura às presidenciais, as razões desta, a sua experiência como estudante universitária, nos encontros de jovens universitários, a sua vivência e visão sobre os acontecimentos do pós 25 de Abril, no ano da revolução, etc., etc.

O registo autobiográfico faz emergir, assumidamente, a primeira pessoa em múltiplos e variados textos em que escuta, experiência, empenhamento, sujeito de acção política são frequentemente referenciados como estruturantes do seu pensamento/ forma de ver o mundo/ de actuar.

Escolhi ler um texto que particularmente me tocou – em que fala de um tempo em que como rapariga, na família, em casa, contava as histórias e depois nos relata aquilo que pensa:

Ela não sabia que cada história tinha duas faces. A que as pessoas ouviam, escutavam e comentavam. E aquela que, sem nada ter encoberto, era o seu lado íntimo, cada vez mais discreto. À medida que ganhava experiência, ia descobrindo que esse lado convexo das histórias contadas tomava forma, acumulava-se não como sedimento do já passado mas como uma configuração em cada momento inédita, actual e viva. (...) era num outro registo que tudo guardava forma, talvez só 'na altura das grandes migrações'. Quando tudo se afastava do momento presente e fugia para lá de uma cortina ténue – como nos habituámos a ver nos 'efeitos especiais' dos filmes em que os seres mudam instantaneamente de planeta. (...) Mas quanto mais 'contava tudo', mais esses segredos se enriqueciam e mais parte de si se tornavam, trabalhados nos longes de si. Nessa zona indescritível e verdadeiramente secreta que se chama *vida interior* onde

o tempo era maior  
do que se dizia (Pintasilgo, 2005: 200-201).

Penso que há um indizível, um tempo interior, mas também um saber vivido e experienciado que é comunicado, dialogado e que faz deste, um livro que se pode ler em momentos diferentes, em partes, e reler depois, outras...

Queria salientar algumas linhas, neste livro, que falam em particular comigo – **os caminhos da educação**. Da educação escolar, de que se mostra crítica por a ler como espaço de reprodução, em que parece que não mudou muito, em que há uma negação da criatividade, em que «não se vislumbra a mudança radical que uma nova revolução da modernidade exige» (Pintasilgo, 2005: 44).

Porque é preciso um novo paradigma. Refere Illich. A educação não formal está também constantemente presente, e particularmente aparece Freire e Touraine, sobretudo na sua concepção de que a educação não é apenas a escolar mas os «processos que decorrem na sociedade e dela são pilares estruturantes» (ibid.).

Aqui queria ligar as suas reflexões sobre excluir, exclusão, inclusão (cf. Pintasilgo, 2005: 52-53s) que tem um sentido central no campo educacional, escolar e não escolar, e em tudo o que respeita à construção da cidadania, de uma democracia participativa, que é um tema muito recorrente neste livro:

a política nasce não na fusão dos humanos uns com os outros... mas sim na crescente individualização de cada pessoa. Em vez da fusão de seres humanos uns nos outros, a pluralidade requer o espaço que há entre os humanos, vindo da sua própria diferença. E é aí e só aí que ela se pode estabelecer como relação (Pintasilgo, 2005: 299).

Outra linha que queria salientar, muito ligada a grande parte do pensamento educacional político, é a **sua ênfase na importância de um sujeito que age conscientemente e que contribui para uma mudança social**, para encontrar novos paradigmas, para uma criatividade, para uma inclusão alargada. Ouço-a em muitas páginas, e selecionei a interrogação que penso enfatiza uma linha de conscientização:

Onde estão os operários da consciência? (ibid.: 48).

E na força que exprime a frase «não se acomodem ao mundo como é, à sociedade como a encontram» (ibid.: 60)

Sujeito que age conscientemente, **mas que**, ao mesmo tempo, procura a sua identidade, a sua missão, que se interroga:

Como traduzir o que em mim é destino, identidade, projecto e missão... Preciso de andar os caminhos do mundo para descobrir essa identidade em devir, para cumprir esse destino a haver. Por isso viajo, ando, parto, por novas terras e por novos saberes. Talvez em algum «lugar» se me revele a fórmula da alquimia que de mim alguém pede. Sinto-me quase irmã da personagem central do livro *A Obra ao Negro* que Marguerite Yourcenar criou. Zénon, figura da modernidade, da sua busca e das suas contradições, percorre a Europa de então como peregrino para encontrar quem sabe mais do que ele e continuar a aprender, pensamos nós. Mas a razão é mais funda. Ao companheiro ocasional diz: «Há um outro algures que me espera. Vou ter com ele». E à pergunta que tenta saber quem é esse outro que o espera, ele só responde: *Hic Zeno*. Eu próprio (ibid.: 73)

Finalmente, o tema também recorrente neste livro sobre **as lutas das mulheres, a procura de uma visibilidade, de direitos, e de direitos das mulheres, uma inter-**

**rogação e denúncia das «mulheres estranhamente ausentes»,** «só a narrativa das condições de vida das mulheres permite descrever o mundo, narrar a sua história e influenciar outras mulheres» (ibid.: 178).

O que quer que [as mulheres] façam é descartável a não ser que a sua personalidade seja «não ser», como se verifica em muitos *reality-shows*, já que o «não ser» é que desperta os *media* e que encanta ao que parece os tele-espectadores.

É esta atitude que se chama misoginia. A misoginia é o racismo mais espalhado, o ódio do «outro», levado ao seu paroxismo e atingindo metade da humanidade. A palavra é grega e significa na Antiguidade, como hoje, a mesma coisa: o ódio pelas mulheres. O sujeito desse ódio tanto pode ser um homem como outra mulher. Habitadas a rivalizar entre si para obterem os favores do «senhor», também as mulheres trazem consigo uma herança moral que as torna muitas vezes cúmplices dessa «estranha ausência das mulheres». Era sem dúvida a essa misoginia que se referia Freud quando descrevia a rejeição, comum aos dois sexos, da feminilidade ou da castração (ibid.: 309).

E também o seu apelo de que não se limitem a uma reprodução social, há a necessidade da busca de novo paradigma já que «a par de conquistas importantes, nas últimas décadas houve efeitos perversos. Impediram que se fizesse sentir a mudança que ainda se espera das mulheres» (ibid.: 260) Como sublinha, «ligar a diferença e a igualdade está no âmago da própria democracia» (248).

Queria, para terminar, reter o texto que Maria de Lourdes me dirigiu. Para além do que possam outras pessoas ler nele, encontrei neste a continuação de uma conversa que tivemos nos meus vinte anos, assim há mais de trinta anos, uma conversa íntima, a algo que exprimi, e a que ela respondeu – não me lembro da sua resposta na época. Mas quando li, agora, o texto percebi que Maria de Lourdes não se esqueceu do que lhe disse então, e que em 2003 ou em 2004 continuou a conversar, agora de uma forma em que está presente uma perspectiva teorizada do que se punha então na conversa. Percebi a subtileza do cuidado que pôs no texto. Como ela diz no prefácio:

Um dia deixei-me guiar só por cada pessoa: Passei com cada uma, de mãos dadas e vi que partia sempre em direcções inesperadas... (ibid.: 11).